

# Dependência e exclusão: auto-imagens de Brasil e Argentina\*

Maria Antonieta Pereira\*\*

## Resumo

Análise das auto-imagens desenvolvidas por brasileiros e argentinos a partir dos anos 60/70 e dos conceitos de subdesenvolvimento, dependência cultural e Terceiro Mundo. Exame de algumas manifestações dessas auto-imagens num momento de crise da economia globalizada. Estudo de subjetividades alternativas, a partir dos conceitos de margens (R. Piglia), entre-lugar (S. Santiago) e arquivo (J. Derrida). **Palavras-chave:** Literatura Latino-Americana; Globalização; Literatura e Sociedade - América Latina; Globalização.

\* Este texto foi apresentado, com modificações, no 51o. Congresso Internacional de Americanistas, em Santiago do Chile (jul/2003), como parte do projeto de Pós-doutorado "Subdesenvolvimento, auto-imagem e exclusão no Brasil e na Argentina", realizado na Universidad de Buenos Aires, com apoio da CAPES (Brasil) e da SECYT (Argentina).

\*\* Professora de Teoria da Literatura e Literatura Comparada do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da FALE-UFMG.

As crises político-econômicas da economia globalizada têm atingido de forma dura a América Latina, contribuindo para intensificar não só a miséria física de suas populações mas também uma auto-imagem profundamente negativa, cuja maior conseqüência é justamente a desmobilização do pensamento crítico que poderia alterar essa miserabilidade. O círculo vicioso da miséria produtora de auto-imagem degradante que, por sua vez, realimenta a própria miséria, precisa ser rompido em vários pontos da rede social e cultural do continente. Neste breve texto, pretendemos examinar alguns pontos dessa rede, especialmente no que tange à configuração do imaginário produzido por teorias que, no Brasil e na Argentina, discutiram aspectos ligados às identidades nacionais e continental.

A conformação de uma auto-imagem está muito ligada à própria formação da nacionalidade, no sentido em que Hobsbawm discute o modelo inventado pela burguesia e desenvolvido pelos liberais do século XIX, no qual se propugnava a unidade de um povo a partir de três instrumentos básicos: uma língua escrita usada em textos administrativos e literários, um Estado relativamente estável e a comprovada capacidade de conquista do povo em questão<sup>1</sup>. Esse tripé teórico, além de sufocar internamente as etnias minoritárias, elegeu como verdadeiros e justos determinados traços culturais favoráveis à manutenção de um Estado autoritário e forte e, em nível externo, legitimou o modelo imperial. Por encontrar sua justificativa na necessidade de progresso material e cultural, a perspectiva totalizadora da nação burguesa expandiu-se e tornou-se hegemônica no Ocidente. Na região do Cone Sul, o sucesso desse modelo esteve ligado especialmente à constituição das repúblicas argentina e brasileira, cujo alicerce foi desenvolvido durante a Guerra do Paraguai, quando esses países colocaram à prova sua capacidade de domínio por meio do poderio militar. A derrota do Paraguai acarretou o múltiplo fortalecimento desses Estados nacionais: externamente, confirmou sua capacidade de conquista e sua busca de hegemonia no continente, internamente, fortaleceu os projetos republicanos dos militares. No caso do Brasil, esses projetos enfrentaram e eliminaram dois entraves ao progresso da nação burguesa: o Segundo Império e a escravidão de uma parte da sociedade civil, representada pelos africanos e seus descendentes.<sup>2</sup>

Portanto, na Argentina e no Brasil, a primeira condição para a constituição da República foi a existência de um Estado forte e militarizado, cuja capacidade de conquista fora testada na guerra<sup>3</sup>. Assim, mesmo quando esses países conseguiram uma certa estabilidade política, seus regimes republicanos estiveram sempre sob custódia dos militares, fato que resultou nas ditaduras dos anos 60 até começo dos 80. Entretanto, um dos elementos que sustentaria o projeto de nação parece ter se desenvolvido de forma diferenciada nos dois países, pois enquanto Sarmiento investia maciçamente na educação popular tentando superar os 80% de analfabetismo do país<sup>4</sup>, D. Pedro II assinava as leis do Ventre Livre e dos Sexagenários. Isso mostra como, no Brasil, a escravidão impedia a constituição da nacionalidade, inclusive em termos de políticas públicas que beneficiassem o conjunto da população. De qualquer forma, ambos os países desenvolveram um imaginário sustentado pela mesclagem de produções das metrópoles e teorias locais, em que se tentava delinear a identidade da nação e da América Latina<sup>5</sup>.

Contudo, é no cenário do Pós-Guerra que a reconstrução do mundo sob a égide norte-americana instiga na intelectualidade do continente um esforço de redefinição de

traços identitários. Os conceitos desenvolvidos pela Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) - organismo das Nações Unidas, criado em 1948 - além de pretenderem explicar as causas do atraso econômico do Chile, também generalizavam tais observações para o conjunto da região. Ao criarem o conceito de *subdesenvolvimento* econômico, essas considerações provocaram uma viva polêmica em vários países do continente, estimulando o surgimento de contra-teorias, dentre as quais destacamos a *crítica da razão dualista*, do sociólogo Francisco de Oliveira<sup>6</sup>. No Brasil, sob as precárias condições de um regime ditatorial, a geração dos anos 60/80 conseguiu construir uma verdadeira escola de pensamento crítico, seja no sentido de que sua formação esteve diretamente ligada a práticas coletivas, seja pelo fato de que ela interfere até hoje na visão de mundo de vários críticos brasileiros. Na Argentina, um processo muito semelhante também foi implementado, por meio de publicações que reuniam a intelectualidade da época, como a revista *Los libros*, para a discussão dos problemas do país e da comunidade hispano-americana, cuja atenção estava magnetizada pela revolução cubana e por outros conflitos mundiais que envolviam os Estados Unidos, como a guerra do Vietnã. Em alguns momentos desses debates, havia a intervenção de pensadores brasileiros, como Augusto Boal e Paulo Freire. As revistas brasileiras também abriam espaço para a divulgação do pensamento hispano-americano, como o do chileno Agustín Cueva e do mexicano Octavio Paz. Além disso, as ditaduras latino-americanas forçaram vários deslocamentos de intelectuais - da América portuguesa para a América Hispânica, e vice-versa - o que motivou trocas culturais de tal natureza que favoreceram a formulação da própria *teoria da dependência como um aparato teórico do continente*, e não de um país isolado, como um conceito formulado no espaço moveição do exílio, do estranhamento, da ultrapassagem das fronteiras nacionais ou idiomáticas.

As publicações desse período mostram como os intelectuais da Argentina e do Brasil amargavam um de seus momentos mais cruéis, e também mais produtivos, já que discutiam a mudança de paradigmas sobre os quais se forjava a auto-imagem de seus compatriotas a qual passava a se basear na idéia de *subdesenvolvimento*, caracterizadora de um espaço de exclusão marcado por *dependência cultural* e denominado *Terceiro Mundo*. Uma das principais críticas dirigidas aos estudos cepalinos foi a acusação de que eles contribuía para atrelar mais ainda o desenvolvimento da região aos modelos de industrialização européia do século XIX e, nesse sentido, exacerbavam os próprios níveis de dependência econômica. Contudo, o conceito de subdesenvolvimento e seus corolários - dependência cultural e Terceiro Mundo - também contribuíram decisivamente para a conformação de uma auto-imagem niilista na América Latina. Noutras palavras, ao invés de essa perspectiva crítica significar um avanço no sentido de se valorizar as diferenças dos países latino-americanos - entre si e relativamente à Europa - colaborando para o surgimento de um pensamento crítico autônomo e portanto favorecedor das iniciativas regionais, inclusive no que tange à configuração de sua própria auto-imagem e, conseqüentemente, de sua auto-estima, as ponderações da CEPAL estimularam a dependência, que talvez desejassem combater, sob a forma de um negativismo radical.

Essa postura autodepreciativa - e ao mesmo tempo combativa no que se refere à crítica ao imperialismo - fica clara nos textos veiculados nos anos 70 em periódicos como *Debate & Crítica*: revista quadrimestral de Ciências Sociais, *Argumento*: revista mensal de cultura, *Estudos Cebrap* (Brasil) e *Los libros* (Argentina). A periodicidade dessas revistas

transformou-as em um fórum de debates que abordava questões relativas a diversas áreas do saber, freqüentemente pautadas pelo conceito de subdesenvolvimento político-econômico, então discutido por autores como Fernando Henrique Cardoso, Enzo Faletto, Celso Furtado, Paul Singer, Francisco Weffort, Francisco de Oliveira (Brasil); e Solón Barraclough, León Gerchunoff, Eugenio Gastiazoro, Maurício T. Arcángelo, H. Carlos Quaglio, Oscar Braun e Ernesto Laclau (Argentina). Buscando desdobrar essa concepção na área das artes e da cultura em geral, pensadores como Paulo Emílio Salles Gomes, Antonio Candido, Antonio Callado, Florestan Fernandes, Gilda de Mello e Souza e Roberto Schwarz (Brasil); e Noé Jitrik, Carlos Altamirano, Beatriz Sarlo, Ricardo Piglia, Josefina Ludmer, Maximo Soto e Angel Núñez (Argentina), dedicaram-se à discussão dos bens simbólicos produzidos no chamado Terceiro Mundo. Mais tarde, duas outras importantes revistas argentinas - *Punto de vista* e *El ojo mocho* - dedicaram-se à continuação desse debate.

Apesar do esforço de autoconstrução independentemente das metrópoles, o pensamento latino-americano escorregou muitas vezes numa relação inutilmente especular, que lhe rendeu duvidosos frutos críticos. Como exemplo disso, podemos verificar que, no caso do Brasil, dois importantes desdobramentos do conceito de subdesenvolvimento redundam em verdadeiros becos sem saída, onde proliferam a falácia argumentativa e os jogos retóricos, como em “Cinema: trajetória no subdesenvolvimento”, de Paulo Emílio Salles Gomes<sup>7</sup>, ou a análise equivocada e dualista das relações cultura/incultura, cultura de massa/cultura de elite, cultura urbana/cultura rural, em “Literatura e subdesenvolvimento”, de Antonio Candido<sup>8</sup>, ambos publicados na revista *Argumento*, em outubro de 1973. A questão torna-se mais complexa se considerarmos que, no ano anterior, em outubro de 1972, na revista *Estudos Cebrap 2*, no alentado ensaio intitulado “A economia brasileira: crítica à razão dualista”, Francisco de Oliveira já mostrara a impropriedade do conceito de subdesenvolvimento. Entretanto, embora tivesse a oposição aberta de certos intelectuais, tal conceito obteve hegemonia no pensamento crítico brasileiro, contribuindo para se entender o país como um prolongamento do Ocidente, e sua literatura, como um galho da metropolitana. Como decorrência disso, acirrou-se o desprezo pelas culturas populares e de massa, ao mesmo tempo em que os artistas eram acusados de “incompetência criativa em copiar”(!)<sup>9</sup>. Nesse contexto, a crítica à euforia paradisíaca latino-americana engendra o inferno de Dante: apenas se trocam os sinais da equação. O processo de exclusão permanece causando estragos, na medida em que não se critica o modelo teórico que o alimenta - a lógica dual e essencialista do Ocidente<sup>10</sup>.

Atualmente, exemplos da baixa auto-estima que se proliferou no continente podem ser verificados no bojo da crise político-econômica da Argentina, seja por meio de manifestações populares ou da opinião de seus intelectuais. Em entrevista à Revista de Cultura *Margens/Márgenes*, Beatriz Sarlo examina como

*la identidad argentina estaba sostenida sobre un trípode: plena alfabetización, pleno empleo y ejercicio expansivo de los derechos políticos y sociales. (...) No es un relato que pueda hacerse de manera completamente exitosa pero de hecho sobre esos tres rasgos podía enunciarse la narrativa de una nacionalidad. Eso es lo que le daba a la Argentina su tono diferencial, más que ninguna saga nacional.*

Contudo, acrescenta Sarlo:

*hace unos pocos días se leyó en los diarios una encuesta que se había hecho con 18.000 casos en toda América Latina. (...) Argentina era el país donde más se valoraba el régimen democrático pese a que el juicio sobre el gobierno era el más negativo de toda América Latina. Era muy curiosa la combinación de posiciones: un 65% valoraba el régimen democrático contra un 20% en Brasil y tenía más aprobación el gobierno brasileño que el argentino. El mix de posiciones habla de dos sociedades muy distintas. Yo creo que esa valoración en la Argentina tiene que ver con la experiencia discursiva, educativa, política, cultural que se hizo con la última dictadura militar.*

E Sarlo expressa algo do pensamento crítico contemporâneo de seu país:

*La esfera de debate se restauró en los primeros años de la transición pero, ya se sabe, esa transición terminó en el fracaso de la democracia. Los intelectuales hoy somos poco significativos, somos muy manipulados por los medios, convertidos en emisores de opinión según las necesidades del periodismo.*

Ainda na Revista de Cultura *Margens/Márgenes*, a jornalista Telma Luzanni expressa a indignação de setores da intelectualidade argentina com a humilhação sofrida por seu país frente ao Fundo Monetário Internacional e a outros órgãos estrangeiros. As denúncias de Luzzani, relativamente à Argentina contemporânea - 19 milhões de pobres, altíssima dívida externa, hiperinflação e crescente falta de credibilidade dos políticos - são dados relevantes para se pensar sobre a auto-imagem dos argentinos. Para Luzzani, esta é "la ocasión de trabajar en conjunto, identificar los problemas, entender los cambios, desarrollar, con coraje, política autónomas, confiando en la fuerza de nuestras sociedades."<sup>11</sup>.

Também no Brasil, as sucessivas candidaturas derrotadas de Lula (ao governo de São Paulo, em 1982, e à presidência da República, em 1989 e 1994) podem funcionar como índices de um *iceberg* identitário pois mostram como a recusa de certas imagens, por parte das elites, foram capazes de mobilizar a população em favor de preconceitos relativos a classe social, orientação política e posição cultural: trata-se de um operário, que também é militante de esquerda e não tem diploma universitário. Sua eleição, em 2002, à medida que exigiu dos eleitores a relativização desses preconceitos, talvez constitua uma iniciação a novas formas identitárias para a população brasileira, com possíveis ganhos para toda a América Latina.

Contudo, na Argentina e no Brasil, a formação de uma subjetividade ao mesmo tempo nacional e regional vem sendo determinada, ao longo dos séculos, por uma razão dualista que desarma teoricamente as possibilidades autocríticas dessas culturas. Nesse sentido, as sucessivas crises econômico-políticas criam espaço para a ativação de um pensamento da *krísis* e em *krísis* (no sentido grego, de "momento de decisão" e, portanto, de mudança) cuja riqueza está justamente na possibilidade de se abolirem as considerações

meramente especulares e dicotômicas, em favor de perspectivas em rede: capazes de relativizarem as rígidas ordenações simbólicas em que a Europa – e depois os Estados Unidos – construíram um poder hegemônico e uma primazia conceitual que excluem o resto do planeta como regiões *sub: abaixo* e *aquém* de seu modelo de vida.

Por outro lado, cabe ressaltar que muitos intelectuais de Brasil e Argentina vieram mostrando, ao longo dos séculos XIX e XX, que há outras formas de se pensar o continente. Elaborando concepções em que formas relacionais substituem o dualismo metafísico, esses pensadores relativizaram as hierarquias, redimensionaram as relações Norte/Sul e criaram núcleos de resistência a uma subjetividade pautada na exclusão das diferenças. Estão nessa linha os conceitos de *instinto de nacionalidade*, *antropofagia cultural* e *entre-lugar do discurso latino-americano*, elaborados respectivamente por Machado de Assis, Oswald de Andrade e Silviano Santiago. Também o conceito de *margens*, desenvolvido por Ricardo Piglia, adota uma perspectiva relacional ao observar como a América Latina desenvolve uma posição ativa frente às hegemônias européia e norte-americana. A partir desse último conceito, um grupo de pesquisadores brasileiros e argentinos desenvolveu o projeto *Margens/Márgenes*, com apoio de universidades dos dois países e financiamento da Fundação Rockefeller. Como continuidade dessa pesquisa, nasceu o projeto *Margens e resíduos culturais*, financiado pela CAPES (Brasil) e SECYT (Argentina) que pretende ser um espaço de divulgação e debate das configurações simbólicas atualmente em pauta nos dois países.

Na interface elaborada pelos conceitos de *resíduos culturais* e *margens*, é possível analisar a **formação de certa subjetividade latino-americana** (e aqui me dediquei somente aos casos de Brasil e Argentina), durante os anos 60/80 do século XX, a partir dos conceitos de subdesenvolvimento, dependência cultural e Terceiro Mundo. Pode-se, portanto, avaliar o papel de tais considerações para a **formulação de auto-imagens**, cuja criticidade fica comprometida por uma perspectiva dual, especular e colonizada, ao mesmo tempo em que se pode problematizar a ocorrência de **subjetividades alternativas**, baseadas em princípios não-metafísicos e não-excludentes, como as idéias de entre-lugar e margens.

Operando com um conceito de subjetividade próximo daquele defendido por Guattari - que considera o inconsciente como uma usina e não como um teatro - a subjetividade pode ser pensada como uma estrutura dinâmica, em reformulação permanente por meio de agenciamentos maquínicos e não-essencialistas. Ao invés da dicotomia clássica entre sujeito individual e espaço social, é necessário trabalhar com os processos sociais que produzem subjetividades coletivas. Nesse caso, as dicotomias nacional/estrangeiro, próprio/coletivo ou público/privado podem ser ressignificadas pelo conceito de *heterogênesse* com o qual Guattari avança no estabelecimento de uma estrutura rizomática capaz de reorientar os espaços políticos e culturais deste início de milênio. Se vista como produção e, portanto, em incessante reconstrução e heterogeneidade, a auto-imagem de argentinos e brasileiros poderá ser transformada em uma ferramenta capaz de operacionalizar posições menos colonizadas e mais *performáticas*, no sentido em que Bhabha usa o termo<sup>12</sup>.

Também é possível se pensar na formação de auto-imagem como a configuração de um *arquivo cultural*, espaço em que a atuação simultânea de processos de memória e desmemória oferece uma dinâmica incessante de construção e desconstrução de idéias e

subjetividades compartilhadas. Essa noção de arquivo, teorizada por Derrida, muito se aproxima da idéia de mercado globalizado, a partir da palavra “exergo” que intitula a primeira parte de *Mal de arquivo*. Extraída do grego *érgon*, que significa “obra, trabalho”, a palavra designa o espaço onde se grava a data ou qualquer legenda das moedas e medalhas, podendo significar também a própria data ou legenda. De qualquer forma, o exergo constitui um texto - algo para ser lido e, sobretudo, para ser lido na qualidade de lei que regula certos valores de troca. Como qualquer texto, o exergo não tem um valor em si: expressão de acordos sociais, ele constitui, principalmente, um objeto relacional que conduz o fio invisível do desejo por entre as mercadorias. Nesse sentido, o exergo contém um infinito poder de mediação entre o desejo, a troca e a posse. Enquanto linguagem, essa inscrição fortemente cunhada no metal pode flutuar e se volatizar nos processos de câmbio em que se insere. Por outro lado, na medida em que passa de mão em mão e se presta ao constante rearranjo no jogo do mercado, o exergo funciona como um arquivo pessoal e público, que permite o depósito e o saque de valores simbólicos<sup>13</sup>.

Para Derrida, a tarefa de arquivamento supõe a consciência da incessante pulsão de morte da cultura, presente na violência dos esquecimentos. Nesse sentido, todo arquivo sofre de uma contradição interna (mal de arquivo), pois seu princípio dinâmico oscila entre processos de *anarquivo* - desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico de retorno a um começo absoluto - e de *arquivamento* - necessidade de conter a pulsão de morte. Sendo assim, o mal de arquivo não tem, necessariamente, uma conotação negativa, podendo significar mal de amor, mal de paixão pelo arquivamento. No entanto, o mais curioso dessa noção de arquivo reside no fato de que ele se define não na perspectiva do que passou, mas como uma promessa, como algo que visa a um por-*vir*. Dialogando com as teses sobre a história, de Benjamin<sup>14</sup>, Derrida conclui que *nós pensamos o futuro a partir de um evento arquivado*. É nesse sentido que pensamos os conceitos de subdesenvolvimento, dependência cultural e Terceiro Mundo: enquanto geradoras de arquivamentos e anarquivos tais concepções acabaram por se constituir em expressões axiomáticas, em princípios lógicos a partir dos quais se formulou a base de sustentação da negatividade presente nas auto-imagens de argentinos e brasileiros. Contra essa estratégia discursiva, tentamos pensar, com Ricardo Piglia, que “hay cierta ventaja, a veces, en no estar en el centro. Mirar las cosas desde un lugar levemente marginal”<sup>15</sup> e, com Silviano Santiago, que “esse lugar, teoricamente, tem muitas vantagens (...) nem todos os produtos periféricos são periféricos”<sup>16</sup>. Nesse sentido, também seria necessário repensar a expressão “fazer a América”. Tendo sido criado por imigrantes, esse ditado constitui uma das mais claras revelações do tipo de colonização que, mesmo depois das guerras de independência, permaneceu em vigor nas Américas do Sul. Remetendo não exatamente à construção de um continente livre e próspero, mas à possibilidade de acumular fortunas privadas em países como Brasil, Argentina e Peru - a que se seguia imediato retorno à Europa -, a expressão fortalece uma postura colonizadora, em que o saque e o abandono das terras do Sul muito contribuíram para criar imagens altamente depreciativas dos habitantes do Novo Mundo. Dessa baixa auto-estima padecem inclusive aqueles que, de uma forma ou de outra, podem ser considerados descendentes dos imigrantes. Talvez fosse necessário proceder como o canibal oswaldiano e torcer o sentido dessa expressão - de tal forma que “fazer a América” deixasse de ser uma piada de mau gosto para se tornar um operador

crítico; de tal forma que pudéssemos fazer uma América não só a partir da que fomos e somos, mas também da que desejamos ser; de tal forma que à ironia colonizadora pudéssemos contrapor uma auto-imagem menos colonizada, mais autônoma, em liberdade.

### Abstract

Analysis of the self-images developed by Brazilians and Argentinians from the 60s and 70s on and of the concepts of underdevelopment, cultural dependence and Third World. Examination of some manifestations of these self-images in a moment of crisis in the globalized economy. Study of alternative subjectivities, having the concepts of margins (R. Piglia), in-betweenness (S. Santiago) and archive (J. Derrida) as a starting point.

**Key words:** Latin-American Literature; Literature and Society – Latin America; Globalization.

### Notas

<sup>1</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Trad. M. C. Paoli e A. M. Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

<sup>2</sup> SILVA, 1975.

<sup>3</sup> LUNA, Felix. *Breve historia de los argentinos*. Buenos Aires: Planeta, 1996.

<sup>4</sup> ROMERO, José Luis. *Breve historia de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 1996.

<sup>5</sup> Sobre isso, é interessante ressaltar que a produção literária dos dois países contribuiu para se configurar imagens de nação baseadas na idéia de pertencimento a um território, a uma raça (ou a uma mesclagem delas) e a uma língua. Os melhores exemplos da constituição desse imaginário estão em *Facundo*, de Sarmiento, e em toda a produção dos escritores românticos do Brasil.

<sup>6</sup> OLIVEIRA, Francisco de. A economia brasileira: crítica à razão dualista. São Paulo: *Estudos Cebrap* 2.out. 1972.

<sup>7</sup> SALLES GOMES, Paulo Emílio. Cinema: trajetória no subdesenvolvimento. *Argumento*, São Paulo, n.1, out. 1973.

<sup>8</sup> CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. *Argumento*, São Paulo, n.1, out. 1973.

<sup>9</sup> SALLES GOMES, Paulo Emílio. Cinema: trajetória no subdesenvolvimento. *Argumento*, São Paulo, n.1, out. 1973.

<sup>10</sup> Sobre essa questão, é importante ressaltar as críticas pós-estruturalistas ao modelo dicotômico ocidental as quais estão presentes nos conceitos de *différance*, *hipertexto*, *rizoma* e *heterogênese*, cunhados, respectivamente, por Jacques Derrida, Pierre Lévy, Gilles Deleuze e Félix Guattari. Em tais concepções, a crítica à dualidade apresenta-se sob a forma do conceito de *rede*.

<sup>11</sup> Cf. Revista de Cultura *Margens/Márgenes*, dez. 2002.

<sup>12</sup> BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

- <sup>13</sup> DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. C. M. Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- <sup>14</sup> BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- <sup>15</sup> PIGLIA, Ricardo. Uma propuesta para el nuevo milenio. Revista de Cultura *Margens, Belo Horizonte*, n.2, out. 2001.
- <sup>16</sup> SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva : Secretaria da Cultura, 1978. p. 11-28: O entre-lugar do discurso latino-americano.

## Referências

- ARGUMENTO. São Paulo, n.1, out. 1973.
- ARGUMENTO. São Paulo, n.2, nov. 1973
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. *Argumento*, São Paulo, n.1, out.1973.
- Debate e crítica* – revista quadrimestral de Ciências Sociais. n.1. São Paulo, jul/dez de 1973.
- Debate e crítica* – revista quadrimestral de Ciências Sociais. n.3. São Paulo, jul de 1974.
- Debate e crítica* – revista quadrimestral de Ciências Sociais. n.4. São Paulo, nov de 1974.
- Debate e crítica* – revista quadrimestral de Ciências Sociais. n.5. São Paulo, mar de 1975.
- Debate e crítica* – revista quadrimestral de Ciências Sociais. n.6. São Paulo, jul de 1975.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. C. M. Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- GERCHUNOFF, L. CEPAL: la utopía de los funcionarios. Revista *Los libros*, n.11, p.7, set. 1970.
- GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34, 1993. p. 9-95. Heterogênese.
- HOBBSBAM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Trad. M. C. Paoli e A. M. Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- KLEIN, H. S. Migração internacional na História das Américas. In: FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.
- LACLAU, Ernesto. Los nacionalistas. Revista *Los libros*. n.1, p.16, jul. 1969.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Trad. C. I. da Costa. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993.

- LUNA, Felix. *Breve historia de los argentinos*. Buenos Aires: Planeta, 1996.
- OLIVEIRA, Francisco de. A economia brasileira: crítica à razão dualista. São Paulo: *Estudos Cebrap* 2.out. 1972.
- PEREIRA, Maria Antonieta. *Ricardo Piglia y sus precursores*. Buenos Aires: Corregidor, 2001.
- PEREIRA, Maria Antonieta. Subdesenvolvimento e crítica da razão dualista. Revista de Cultura *Margens*, Belo Horizonte, n.2, dez 2002.
- PIGLIA, Ricardo. Uma propuesta para el nuevo milenio. Revistade Cultura *Margens, Belo Horizonte*, n.2, out. 2001.
- Revista de Cultura *Margens*, Belo Horizonte, n.1, jul. 2002.
- Revista de Cultura *Margens*, Belo Horizonte, n.2, dez 2002.
- ROMERO, José Luis. *Breve historia de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 1996.
- ROMERO, José Luis. *Breve historia contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 1994.
- SALLES GOMES, Paulo Emílio. Cinema: trajetória no subdesenvolvimento. *Argumento*, São Paulo, n.1, out. 1973.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva : Secretaria da Cultura, 1978. p. 11-28: O entre-lugar do discurso latino-americano.